



IGREJA

E ISRAEL

NO NOVO TESTAMENTO

KEITH MATHISON
DAN JUSTER



IGREJA

E ISRAEL

NO NOVO TESTAMENTO

IMPACTO
PUBLICAÇÕES

IMPACTO

PUBLICAÇÕES

Rua Tamoio, 226
Santa Catarina
Americana - SP
13466-250
Tel.: (19) 3462-9893
contato@revistaimpacto.com.br
www.revistaimpacto.com.br

Tradução Capítulo 1:
Levi Santos do Nascimento

Tradução Capítulo 2:
Osler Gustavo Manzini

Revisão:
Christopher Walker
Renata Balarini Coelho

Capa:
Leonardo Beijo

Diagramação:
Eduardo C. de Oliveira

IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

•

Copyright © 2017 Impacto Publicações

Publicado no Brasil por:
IMPACTO PUBLICAÇÕES
www.revistaimpacto.com.br

•

Primeira Edição: Novembro de 2017

•

Para os textos bíblicos, foi usada a versão
ARA (Revista e Atualizada de João Ferreira de
Almeida).

•

PEQUENOS TRECHOS DESTA TEXTO
PODEM SER CITADOS OU REPRODUZIDOS,
DESDE QUE MENCIONADA A FONTE, COM
ENDEREÇO POSTAL E ELETRÔNICO.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

A Igreja e Israel no Novo Testamento

por Keith Mathison 5

CAPÍTULO 2

Teologia de Paulo sobre Israel e a Igreja no livro de Romanos

por Dan Juster 19



CAPÍTULO 1

A IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

POR KEITH MATHISON

Uma das perguntas mais frequentes feitas por aqueles que estudam a Bíblia diz respeito à relação entre Israel e a Igreja. Quando lemos o Antigo Testamento, fica evidente que ele trata, em sua maior parte, da história de Israel. Desde Jacó até o exílio, o povo de Deus é Israel, e Israel é o povo de Deus. Apesar dos constantes pecados dos reis e do povo que os levaram ao juízo do exílio, os profetas olhavam com esperança para além desse juízo e vislumbravam um tempo de restauração para Israel. Quando olhamos para o Novo Testamento, a mesma história continua, e Israel permanece em cena. Jesus é descrito como aquele a quem será dado “o trono de Davi, seu pai” e que “reinará para sempre sobre a casa de Jacó” (Lc 1.32,33). Ele é apresentado como o Messias que os profetas anunciaram.

Os primeiros a crer que Jesus era de fato o Messias prometido foram israelitas – André, Pedro, Tiago, João.

Mas, nos evangelhos, também ouvimos Jesus falando sobre a edificação de sua Igreja, e vemos uma crescente hostilidade entre os líderes de Israel e Jesus. Ouvimos Jesus falar em destruir os arrendatários da vinha a fim de dá-la a outros (Lc 20.9-18). No livro de Atos, a pregação do Evangelho a samaritanos e gentios leva a um conflito ainda maior com os líderes religiosos de Israel. Então, Israel teria sido deixado de lado e substituído por essa nova entidade conhecida como “igreja”?

Existem aqueles que diriam “sim”, mas a resposta não é tão simples, pois também percebemos indícios de que Deus não terminou seu plano com a nação de Israel. Ao final de sua declaração de “ais” sobre os escribas e fariseus, Jesus declara: *“Já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor”* (Mt 23.39). No sermão do Monte das Oliveiras, ele afirma que Jerusalém será pisada *“até que os tempos dos gentios se completem”* (Lc 21.24). Em Atos, Pedro diz a uma plateia judia: *“Arrependei-vos, pois, e converteí-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade”* (At 3.19-21). Finalmente, Paulo diz coisas sobre Israel que parecem excluir a ideia de uma rejeição total. Falando de Israel, ele escreve: *“Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum!”* (Rm 11.1a).

POR QUE TANTA CONFUSÃO?

Para entender o que o Novo Testamento diz sobre a relação entre Israel e a Igreja, precisaremos abordar a questão considerando diferentes perspectivas propostas pelos cristãos ao longo do tempo. A visão **dispensacionalista tradicional** sustenta que Deus não substituiu Israel pela Igreja, mas que ele

tem duas agendas distintas na História: uma para a Igreja e outra para Israel. O dispensacionalismo tradicional também sustenta que a Igreja é formada somente pelos cristãos que foram salvos entre o Pentecostes e o arrebatamento (segunda vinda). De acordo com essa perspectiva, a Igreja como o Corpo de Cristo não inclui os crentes do Antigo Testamento. O **dispensacionalismo progressista** modificou alguns desses conceitos, mas a visão do dispensacionalismo tradicional continua sendo muito popular.

Alguns teólogos do Pacto¹ adotaram uma visão que muitos dispensacionalistas descrevem como **teologia da substituição**. Essa é a ideia de que a Igreja substituiu Israel completamente. Os judeus ainda podem ser salvos individualmente quando recebem Cristo, mas a nação de Israel e os judeus como povo não têm mais nenhum papel específico a desempenhar na história da redenção.

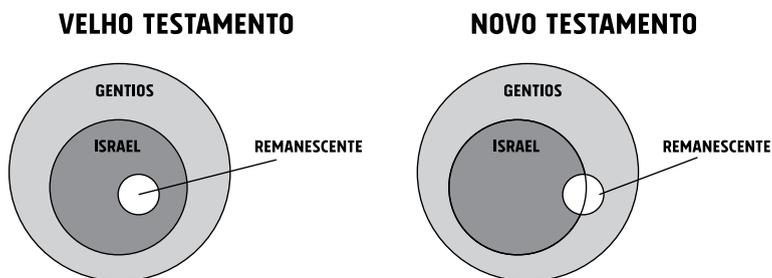
Um estudo cuidadoso do Novo Testamento revela que ambas as interpretações da ligação entre Israel e a Igreja são deficientes. A relação entre o povo de Deus no Antigo e o povo de Deus no Novo Testamento será mais bem compreendida se a descrevermos como sendo uma progressão orgânica ao invés de ser uma separação ou substituição.

Durante a maior parte do período veterotestamentário, havia basicamente três grupos de pessoas: as nações gentias, a nação de Israel e o verdadeiro Israel (o remanescente fiel). Apesar de a nação de Israel estar frequentemente envolvida em idolatria, apostasia e rebelião, Deus sempre preservou para si mesmo um remanescente fiel – aqueles que confiavam nele e não se dobravam a Baal (1 Rs 19.18). Esse remanescente,

¹ A Teologia do Pacto ou Aliancista é uma linha teológica que usa o conceito de aliança para interpretar toda a teologia cristã e a história de Deus com o homem. Apesar de avaliar as diferenças entre as diversas alianças ao longo da História, a Teologia do Pacto entende que formam na realidade uma única aliança em várias etapas de desenvolvimento.

A IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

esse verdadeiro Israel, incluía homens como Davi, Joás, Isaías e Daniel, e também mulheres como Sara, Débora e Ana. Havia aqueles que eram circuncidados na carne e um número menor que tinha o coração circuncidado também. Portanto, mesmo no Antigo Testamento, nem todos que descendiam de Israel eram Israel de fato (Rm 9.6).



Na época do nascimento de Jesus, o remanescente fiel (verdadeiro Israel) incluía crentes como Simeão e Ana (Lc 2.25-38). Durante o ministério de Jesus, o verdadeiro Israel estava mais evidente naqueles discípulos judeus que criam que Jesus era o Messias. Aqueles que rejeitaram Jesus não eram o verdadeiro Israel independentemente de sua etnia. Isso incluiu muitos dos escribas e fariseus. Apesar de serem judeus no sentido físico, não eram o verdadeiro Israel (Rm 2.28,29). O verdadeiro Israel passou a ser definido pela união com o verdadeiro israelita – Jesus Cristo (Gl 3.16,29).

No dia de Pentecostes, o verdadeiro Israel, os judeus que criam em Jesus, foi tomado pelo Espírito Santo e estabelecido como o núcleo da igreja do Novo Testamento (At 2). O Espírito Santo foi derramado sobre eles, e os mesmos homens e mulheres que faziam parte desse verdadeiro Israel se tornaram, a partir desse dia, a verdadeira Igreja da Nova Aliança. Logo depois, os gentios começaram a fazer parte desse pequeno grupo.

É extremamente importante que se compreenda essa questão, pois explica o motivo de tanta confusão na relação entre a Igreja e Israel. A resposta depende de se estar falando da *nação de Israel* ou do *verdadeiro Israel*. A Igreja é distinta de Israel enquanto nação, assim como o verdadeiro Israel no Antigo Testamento era distinto do restante da nação, mesmo sendo parte dela. O grupo remanescente fazia parte do todo, mas também podia ser considerado diferente do todo por causa de sua fé.

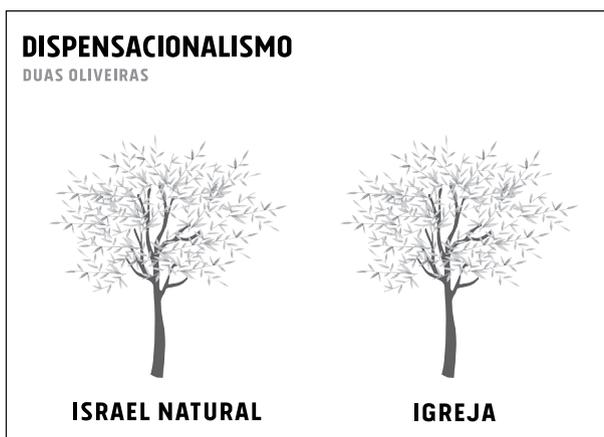
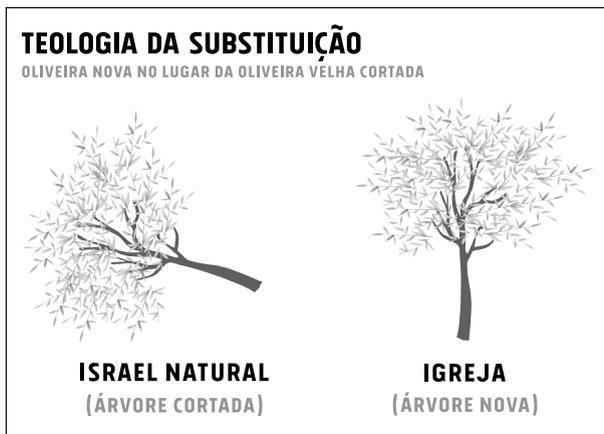
Entretanto, se estamos falando do verdadeiro Israel, não há realmente nenhuma distinção. O verdadeiro Israel do Antigo Testamento tornou-se o núcleo da Igreja no dia de Pentecostes. Neste ponto, a analogia da oliveira que Paulo usa em Romanos 11 é esclarecedora. A árvore representa o povo que tinha aliança com Deus – Israel. Paulo compara os israelitas descrentes a galhos que foram retirados da oliveira (v.17a). Os gentios que creem são comparados a ramos de uma oliveira silvestre que foram enxertados na oliveira cultivada (vv.17b-19).

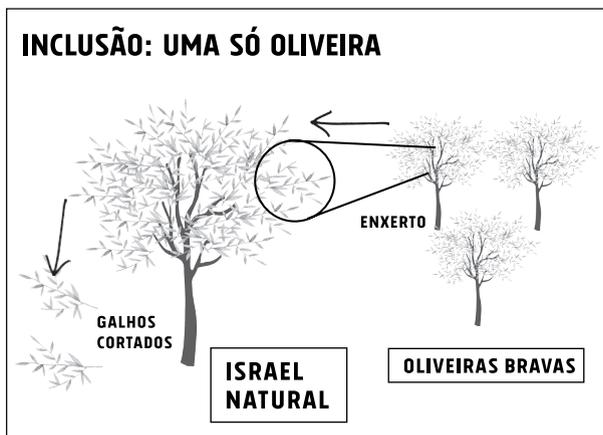
O ponto a ser ressaltado é que Deus não corta a árvore velha a fim de plantar uma nova (*teologia da substituição*). Tampouco, Deus planta uma segunda árvore ao lado da antiga, para depois enxertar os galhos da árvore antiga na nova (*dispensacionalismo tradicional*). Ao invés disso, a mesma árvore existe tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Aquela que permanece depois que os galhos mortos são removidos é o verdadeiro Israel. Crentes gentios agora são enxertados nessa árvore antiga que já existia (verdadeiro Israel/verdadeira Igreja). Só há uma boa oliveira, e ela existe tanto na antiga quanto na nova aliança.

O que isso significa para nosso entendimento sobre a relação entre a Igreja e Israel? Significa que, quando o verdadeiro Israel foi batizado pelo Espírito no dia de Pentecostes, o verdadeiro Israel tornou-se a Igreja do Novo Testamento.

A IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

Assim, existe uma continuidade entre o verdadeiro Israel e a Igreja. É por isso que as confissões reformadas podem falar da Igreja como tendo existido desde o princípio do mundo (por exemplo, Confissão Belga, Art. 27). Porém, existe também uma descontinuidade entre a Igreja e a nação de Israel, assim como houve descontinuidade entre o remanescente fiel e Israel infiel no Antigo Testamento.





ROMANOS 11 E O FUTURO DE ISRAEL

Diante disso, o que significa para a nação de Israel os galhos naturais terem sido cortados do verdadeiro Israel por causa da incredulidade? Teria Deus encerrado seu plano com o povo que estava em aliança com ele? Para responder a essa pergunta, devemos voltar-nos para o argumento de Paulo em Romanos 9-11.

Em Romanos 1-8, Paulo negou que a salvação fosse garantida aos judeus com base em seus privilégios étnicos. A chave para a redenção é a fé, não a linhagem física ou qualquer tipo de obras. Paulo argumenta que todos os que creem em Jesus são filhos de Abraão, e que nenhuma das promessas de Deus falhará.

Tudo isso certamente levantou questões sérias na mente de seus leitores. E quanto a Israel? O que aconteceu com as promessas de Deus à nação escolhida uma vez que rejeitou o Messias? Teria a infidelidade de Israel anulado as promessas de Deus? Teria Israel sido deserdada? O plano de Deus revelado em todo o Antigo Testamento teria sido abortado ou deixado de lado? Paulo responde a essas perguntas em Romanos 9-11.

A IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

Ele começa o capítulo 9 com um lamento por Israel – seus *“compatriotas, segundo a carne”* (v.3). Em seguida, ele enumera todos os privilégios que **ainda** pertencem a Israel – incluindo a adoção, as alianças e as promessas (vv.4,5). Nos versículos 6-29, Paulo defende a posição expressa no versículo 6a, ou seja, que a promessa de Deus não falhou. Nos versos 6-13, ele explica que a eleição coletiva de Israel nunca significou a salvação de todos os descendentes biológicos de Abraão: *“nem todos os de Israel são, de fato, israelitas”* (v.6b). Nos versos 14-23, Paulo expande mais esse conceito, explicando que a salvação nunca foi um direito de nascença determinado por descendência biológica. Sempre foi um dom concedido pela soberana eleição de Deus.

Em Romanos 9.30-10.21, Paulo discorre sobre a reviravolta que ocorreu na história da redenção: ao mesmo tempo em que Israel tropeçou em Jesus, os gentios começaram a afluir ao Reino em grande número. É importante observar que, em Romanos 10.1, Paulo escreve: *“Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos”*. Ele está falando de Israel. O próprio fato de o apóstolo poder continuar orando pela salvação da nação incrédula de Israel evidencia sua convicção de que ela ainda pode ser salva.

O que Paulo disse até esse ponto levanta uma grande pergunta que ele expressa no início do capítulo 11: *“Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum!”* (11.1a). Esse é basicamente o tema de todo o capítulo 11. Nos versos 1-10, Paulo demonstra que Deus não rejeitou Israel ao fazer a distinção entre o “remanescente” e os “endurecidos”. Desenvolvendo mais o que já havia afirmado no capítulo 9.6-13 e 9.27, o apóstolo indica que, assim como nos dias de Elias, existe também agora um remanescente fiel (11.2-5). Em contraste com o remanescente, escolhido pela graça (v.5), há “o restante”, a nação de Israel como um todo,

que foi “endurecida” (v.7). Deus entorpeceu os sentidos de Israel (v.8), e eles tropeçaram (vv.9,10).

Paulo então pergunta: *“Porventura, tropeçaram para que caíssem?”* (11.11a). Qual é sua resposta? *“De modo nenhum! Mas, pela sua transgressão, veio a salvação aos gentios, para pô-los em ciúmes”* (v.11b). Qual é o significado atual do tropeço de Israel? Paulo explica que isso ocorreu a fim de levar uma multidão de gentios ao Reino. O endurecimento de Israel está servindo ao propósito de Deus. Suas transgressões deram ocasião para que a salvação fosse concedida aos gentios. Paulo declara: *“Ora, se a transgressão **deles** redundou em riqueza para o mundo, e o **seu** abatimento, em riqueza para os gentios, quanto mais a **sua** plenitude!”* (v.12, grifo meu).

Nos versículos 11,12, Paulo menciona três eventos: a transgressão (ou “fracasso”) de Israel, a salvação dos gentios e a plena inclusão de Israel. O primeiro leva ao segundo, e o segundo ao terceiro. A transgressão de Israel, em outras palavras, iniciou um processo que, no final, o levará de volta à própria restauração. Esse é o primeiro de cinco lugares nessa pequena passagem em que Paulo explica o propósito e o futuro de Israel como um processo composto de três estágios. Douglas Moo oferece um resumo interessante:

- vv.11,12: “transgressão de Israel” – “salvação dos gentios” – “plenitude dos gentios”
- v.15: “sua rejeição” – “reconciliação do mundo” – “seu restabelecimento”
- vv.17-23: “ramos naturais quebrados” – “ramos enxertados” – “ramos naturais enxertados novamente”
- vv.25,26: “endurecimento em parte de Israel” – “plenitude dos gentios” – “todo Israel será salvo”

A IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

- vv.30,31: “desobediência de Israel” – “misericórdia para os gentios” – “misericórdia para Israel”

A menção recorrente desse processo de três estágios reforça a ideia de que Paulo está olhando para uma futura restauração de Israel. A condição atual de Israel é descrita como “fracasso”, “transgressão”, “tropeço” e “rejeição”. O apóstolo caracteriza a futura condição de Israel por meio de termos como “restabelecimento”, “inclusão” e “aceitação”. Israel não está simultaneamente na condição de “fracasso” e “inclusão”, de “rejeição” e “aceitação”. O “restabelecimento” vem depois do “fracasso”. A “aceitação” vem depois da “rejeição”.

Paulo antevê um problema em potencial nos versos 13-24. Cristãos gentios que foram ensinados que passaram a fazer parte do povo de Deus poderiam facilmente cair no erro de pensar que isso seria motivo de vanglória diante dos judeus. Nesses versículos, Paulo adverte contra tal arrogância. Na passagem de Romanos 11.16-24, Paulo explica o desenvolvimento da história da redenção e o lugar que Israel ocupa nela usando a analogia da oliveira que discutimos acima. Aqui, novamente, o apóstolo aponta para três estágios na história da redenção: “ramos naturais quebrados” – “ramos enxertados” – “ramos naturais enxertados novamente”.

O ensino de Paulo nos versículos 25-27 tem estado no centro do debate a respeito da interpretação correta para o capítulo 11. Paulo escreve no versículo 25: *“Não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios”*. Aqui, ele ainda está falando diretamente aos gentios (veja também v.13). Ele quer que entendam um “mistério”. Neste contexto, o mistério envolve a inversão das expectativas judaicas com relação à sequência dos eventos do fim dos tempos. **O “mistério” é que a restauração de Israel vem após a salvação dos gentios.**

QUEM É “TODO O ISRAEL”?

No verso 26, o apóstolo Paulo continua a frase iniciada no versículo 25: “E, assim, todo o Israel será salvo”. A grande discussão aqui é sobre o significado da expressão “todo o Israel”. Charles Cranfield lista os quatro principais pontos de vista já sugeridos: (1) todos os eleitos, tanto judeus quanto gentios; (2) todos os eleitos da nação de Israel; (3) toda a nação de Israel, incluindo todos os membros individuais, sem exceção; (4) a nação de Israel como um todo, mas não necessariamente incluindo todos os membros individuais. Uma vez que Paulo nega repetidamente a salvação individual de todo israelita, simplesmente em virtude de sua etnia, podemos dispensar a opção (3).

João Calvino entendia que “todo o Israel” no versículo 26 significava todos os eleitos, tanto judeus quanto gentios. De fato, Paulo usa essa linguagem em outros lugares nos seus escritos. O problema com esse entendimento da expressão “todo o Israel” é o contexto. Ao longo dos versos 11-25, Paulo fez uma distinção coerente entre judeus e gentios. Também temos de lembrar que a preocupação do apóstolo nesses capítulos é com relação a seus compatriotas segundo a carne (9.1-5). Sua oração nesse contexto foi em favor da salvação da nação incrédula de Israel (10.1). Em Romanos 11.26, Paulo revela que a oração de Romanos 10.1 será respondida assim que a plenitude dos gentios tiver chegado.

Outros teólogos reformados, como O. Palmer Robertson e Herman Ridderbos, argumentaram que “todo o Israel” refere-se a todos os eleitos da nação de Israel ao longo da presente era. Assim como na visão que entende “todo o Israel” como sendo a Igreja, existe verdade nessa interpretação. Os judeus que estão sendo salvos na presente era não são em nada diferentes dos judeus que serão salvos no futuro.

O problema com essa interpretação, exatamente como vimos com a anterior, é que ela entra em conflito com o

contexto imediato. Como observa John Murray: “Embora seja verdade que todos os eleitos de Israel, o verdadeiro Israel, serão salvos, seria uma afirmação tão evidente que não teria relevância alguma para o tema que é o foco principal do apóstolo nesse trecho da epístola”. *Paulo não está angustiado a respeito da salvação do remanescente*. Eles já estão salvos. Ele está angustiado a respeito da parte incrédula de Israel. É pela salvação desse “Israel” que ele ora (10.1), e é esse Israel que ele afirma que será salvo no versículo 26.

A interpretação de “todo o Israel” que mais se adequa ao contexto é a que compreende “todo o Israel” como sendo a nação de Israel como um todo, mas não necessariamente incluindo cada membro individual da etnia israelita. Paulo estabelece consistentemente um contraste entre gentios e Israel ao longo desse capítulo, e ele continua a fazê-lo na primeira metade da frase que estamos analisando (v.25). No contexto desta passagem, não há nenhuma razão para supor que Paulo mudou o significado do termo *Israel* no meio da frase aqui. O “Israel” que será salvo (v.26) é o “Israel” que foi parcialmente endurecido (v.25). Esse Israel parcialmente endurecido é distinto dos gentios (v.25) e também é distinto do remanescente de judeus crentes (no tempo de Paulo e nos dias atuais) que não estão endurecidos (v.7).

CONCLUSÃO

Nem sempre é fácil discernir a relação entre Israel e a Igreja no Novo Testamento, mas poderemos compreendê-la se lembrarmos das diferenças entre Israel como nação e o verdadeiro Israel tanto no Antigo Testamento quanto no Novo, e se tivermos em mente o que Paulo ensina em Romanos 11. O atual endurecimento de Israel tem um propósito no plano de Deus, mas esse endurecimento não é permanente. A futura restauração da nação de Israel envolverá sua reinserção à única

oliveira, que inclui todo o povo de Deus. A restauração de Israel resultará na sua inclusão ao “verdadeiro Israel” pela fé em Jesus Cristo o Messias.

Este artigo foi publicado originalmente na revista norte-americana *Tabletalk*, na edição de outubro de 2012. *Tabletalk* é uma publicação do ministério Ligonier, uma organização internacional para discipulado cristão fundada pelo teólogo Dr. R.C. Sproul em 1971. O autor do artigo, Dr. Keith A. Mathison, é professor de teologia sistemática em “Reformation Bible College”, uma faculdade bíblica em Sanford, Flórida, EUA.

O artigo original em inglês pode ser encontrado por meio deste link: <http://www.ligonier.org/learn/articles/the-church-and-israel-in-the-new-testament/>

Mais informações sobre Ligonier Ministries: www.ligonier.org



CAPÍTULO 2

TEOLOGIA DE PAULO SOBRE ISRAEL E A IGREJA NO LIVRO DE ROMANOS

POR DAN JUSTER

Ao longo do tempo, grandes homens de Deus têm compreendido que a vinda do Reino de Deus em sua totalidade e a esperança de toda criatura de ouvir as Boas Novas estão intrinsecamente ligadas ao propósito de Deus de manifestar-se por intermédio de Israel. Por isso, Rees Howells¹ intercedeu e perseverou em oração durante anos a ponto de ver o Estado de Israel tornar-se realidade. De modo semelhante, o judaísmo messiânico crê num futuro vital para Israel. Além do mais, o próprio judaísmo messiânico pode ter uma parte significativa nesse futuro. Uma das chaves para a compreensão disso tudo são os ensinamentos de Paulo sobre Israel.

¹ Rees Howells (1879-1950) foi um dos intercessores mais marcantes na história da Igreja. Para saber mais a respeito de suas experiências com Deus nessa área, leia *O Intercessor*, de Norman Grubb, Editora Betânia.

Romanos 9 – 11 são os capítulos centrais nos escritos de Paulo sobre uma teologia de Israel. O capítulo 9 se inicia com a declaração do apóstolo a respeito de seu enorme encargo de sofrimento e angústia em favor de Israel. Certamente, era um encargo de oração. Ele chega mesmo a dizer que desejaria ser separado de Cristo (anátema) em favor de seus compatriotas. E mais, Paulo reconhece plenamente o chamado de Israel como nação e, no presente do indicativo, diz que *“pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne...”* (Rm 9.4,5).

No entanto, Paulo prossegue afirmando que nem todos os descendentes de Israel podem ser considerados como pertencentes espiritualmente a Israel. Essa é a doutrina do remanescente, um conceito importante que precisamos deslindar. A seguir, ele responde àqueles que acusariam Deus de injustiça a respeito do fracasso de Israel, como nação, em aceitar Yeshua como o Messias.

O PLANO SOBERANO DE DEUS PARA ISRAEL COMO NAÇÃO

Romanos 9 parece um capítulo muito “áspero”; trata de Israel como nação. O objetivo não é falar sobre a oportunidade de obter-se salvação individual. Nos assuntos das nações, a sabedoria de Deus vai muito além da nossa capacidade intelectual. Não nos cabe acusar o Senhor, pois *“quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?”* (Rm 9.20). E Paulo segue com uma lição sobre cerâmica, uma lição aliás muito mal compreendida.

Ele nomeia diversos vasos: de ira, de misericórdia, de honra e de desonra. Honra era um lindo vaso, escolhido para ser exibido sobre a mesa e utilizado para servir água potável ou outra função nobre. Desonra era um vaso que não atingira tal padrão de beleza; seria usado para lavar os pés ou outros usos

domésticos, talvez na cozinha. O oleiro decide qual vaso irá fabricar, mas ambos são necessários. Um vaso de misericórdia é aquele que se quebra durante o cozimento e é reparado e recozido. Se permanece inteiro ao final do processo, é usado como um vaso de misericórdia. Se não, torna-se um vaso de ira ou destruição. Note que Romanos diz que Deus *“suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição”* (Rm 9.22).

Qualquer juízo de Deus somente ocorre após longa demora, depois de tentar reparar os vasos de misericórdia.

A misericórdia de Deus para com os judeus e gentios é ainda mais patente em vista disso; apesar de nosso pecado, somos vasos de misericórdia feitos para a sua glória. A decisão, no entanto, deve ficar a cargo da soberania divina. Uma vez que Paulo afirmou tão categoricamente essa soberania, o caminho fica aberto para delinear, pelo Espírito, algumas considerações que revelam a continuidade dos propósitos de Deus para Israel.

POR QUE ISRAEL REJEITOU O MESSIAS?

Primeiramente, temos indícios disso nos profetas. Em Oseias, vemos que o relacionamento de Deus com diferentes grupos pode mudar: *“e a Não-Meu-Povo direi: Tu és o meu povo”* (Os 2.23). Isaías (Is 10.22-23) também declarou que apenas um remanescente seria salvo da destruição da guerra.

Há outras razões para uma mudança tão radical nos rumos da história. Uma é que Israel seguiu a Lei de forma equivocada, como um sistema de justiça por obras, na interpretação clássica, ou como uma forma de separar-se das outras nações, de acordo com perspectivas mais recentes. Israel não foi bem-sucedido *“porque não decorreu da fé, e sim como que das obras”* (Rm 9.32). Isso levou a uma atitude de autojustificação por meio da qual Israel *“desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitou à que vem de*

Deus” em Yeshua (Rm 10.3). Segue-se que os gentios, por não possuir o orgulho da Lei, foram mais capazes de enxergar essa necessidade e de submeter-se à justiça de Deus do que Israel que, na tentativa de obedecer à Lei por capacidade própria, não conseguiu enxergar essa mesma necessidade! Deus nos declara justos quando temos fé em Yeshua.

Além disso, os evangelhos mostram claramente que Israel esperava que o Rei messiânico derrotasse seus inimigos e instaurasse seu reino mundial de justiça a partir de Jerusalém. Esse é certamente um de seus papéis. Entretanto, tamanha preocupação dos israelitas com essa imagem do Rei Messias exaltado não deixava muito espaço para a visitação dele no papel de servo long nimo, carregando os pecados, o sofrimento e a doença do mundo como um primeiro passo em direção a seu reino.

O Rei Messias teve uma morte ignominiosa numa cruz de madeira: *“Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro”* (Dt 21.23; Gl 3.13). Tal opróbrio foi além da capacidade de aceitação de muitos israelitas. Foi, de fato, um golpe nos sistemas de honra-vergonha da maioria das culturas do mundo, por meio dos quais as pessoas encontram seu senso de valor.

O juda simo do primeiro século também tinha um sistema de honra-vergonha para enfrentar a vida. Sim, aquela maldição e aquela vergonha foram assumidas por Yeshua em identificação conosco, por nós e em nosso lugar. Apesar disso, somente o Espírito de Deus seria capaz de abrir os corações para essa verdade, pois a mensagem era uma “pedra de tropeço” para os judeus, um escândalo! Como poderiam eles aceitar que seu Messias, aquele que seria sua glória como nação, fosse envergonhado pela morte na cruz? (veja 1 Co 1.23).

Podemos adicionar ainda  s razões para a não aceitação de Yeshua pelos judeus a perseguição peridica pela Igreja institucional por mais de 1900 anos, apesar do fato de que os

seguidores não judeus de Yeshua foram aconselhados em Romanos 11 a provocar em Israel ciúme de seu próprio Messias por meio de grandes atos de amor e misericórdia (Rm 11.13,30,31).

POR QUE O TROPEÇO?

O ponto culminante da argumentação de Paulo encontra-se em Romanos 11.1: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo algum! Paulo aponta a si próprio como prova de que Deus não havia rejeitado Israel. Que significado tremendo isso teria para ele à luz das próprias lembranças de seu passado como perseguidor do “Caminho”? Havia, de fato, 7 mil fiéis a Deus que Elias desconhecia em sua época! (1 Rs 19.18). *“Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça”* (Rm 11.5).

Esse remanescente não deve ser visto como excluindo o restante da nação como eleitos de Deus, mas como o primeiro fruto que apontava para a eventual salvação da nação como um todo. O versículo 16 é muito importante para esclarecer isso, pois *“se forem santas as primícias da massa, igualmente o será a sua totalidade”*. Assim, o remanescente salvo santifica toda a nação ao mesmo tempo em que continua fazendo parte dela.

Paulo cita os profetas e Davi para mostrar que a falta de reação da parte de Israel já estava prevista. Toda essa situação em que o povo escolhido buscou a justificação por meio de obras (detalhada no capítulo 10) trouxe sobre si mesmo o juízo de Deus.

Por ora, Paulo afirma que a descrença de Israel era também um ato de Deus: *“(...) porventura, tropeçaram para que caíssem? De modo nenhum!”* (Rm 11.11). O texto em grego aqui dá a seguinte ideia: *“Teria sido seu tropeço fatal, uma queda irreversível?”*. A resposta de Paulo é um enfático *“não!”*.

Israel ainda terá seu dia de realização! No entanto, sua transgressão ao não reconhecer o caminho justo de Deus no Messias é o meio que trouxe “a salvação aos gentios” e “riquezas para o mundo” (Rm 11.11,12).

O que Paulo queria dizer com isso? Por que a descrença de Israel teria alguma relação com a salvação dos gentios? O contexto histórico do livro de Atos esclarece essa questão. Sempre que possível, em cada cidade por onde Paulo passava, ele ia primeiro à sinagoga local. Alguns judeus aceitavam as Boas Novas do Messias, mas a maioria normalmente as rejeitava. No entanto, os gentios vinham em grandes números *quando lhes era dada a oportunidade de conhecer o Deus de Israel sem as barreiras da circuncisão e do estilo de vida judaico lhes serem impostos.*

Notemos a controvérsia entre Paulo e os judaizantes, que eu prefiro chamar de legalistas judaicos. Esses seguidores judeus de Yeshua ensinavam que os gentios não poderiam ser salvos nem considerados parte do povo de Deus a não ser que fossem circuncidados e seguissem a lei de Moisés. Com grande dificuldade, os apóstolos prevaleceram (veja em Atos 15) e refutaram tal visão. Muitos judeus aceitaram o Evangelho – milhares segundo Atos 21.20 – assim como numerosos gentios; mesmo assim, esses crentes eram ainda uma minoria em Israel. Parte dessa minoria perseguia tenazmente Paulo e os convertidos gentios.

E se, ao invés de uma minoria, a maioria dos judeus houvesse aceitado Yeshua? A proporção de judaizantes não era pequena. Havia em qualquer cidade grande uma significativa presença judaica, sem falar dos poderosos judeus na terra de Israel. Estima-se que houvesse de um a dois milhões em Israel e quatro a cinco milhões na Diáspora. Imagine a pressão em favor do ponto de vista judaizante vinda de três a cinco milhões de judeus, “todos zelosos da lei” (At 21.20). Esta teria sido

uma imensa barreira ao Evangelho entre os gentios, que não foram chamados para fazer parte da nação de Israel. Diante disso, percebe-se o sentido nas palavras de Paulo; contudo, uma vez que o propósito do endurecimento fosse atingido, quanto mais sentido haveria em “sua plenitude”! A rejeição judaica também causou uma intensificação do empenho em pregar aos não judeus.

Paulo queria ver Israel enciumado de seu próprio Messias por causa das riquezas concedidas aos gentios pela graça de Deus. Por isso, ele “glorifica” seu ministério (Rm 11.13). Ou seja, ele aponta os sinais manifestos da presença e do poder de Deus em seu trabalho. Essa é nossa tarefa também.

TODO O ISRAEL SERÁ SALVO

Em seguida, chegamos ao semiclímax do argumento:

Porque, se o fato de terem sido eles rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento, senão vida dentre os mortos? E, se forem santas as primícias da massa, igualmente o será a sua totalidade; se for santa a raiz, também os ramos o serão. (Rm 11.15,16)

Da mesma maneira que as primícias santificam a colheita inteira, todo Israel é santificado, e será um dia aceito, como é demonstrado pelos crentes judeus que representam as primícias.

Em outras palavras, Paulo prevê a aceitação de Israel por Deus, e esse evento significará a ressurreição dos mortos e o estabelecimento do Reino de Deus sobre toda a terra. É por isso que Paulo pode afirmar que o Evangelho chegou aos gentios com esse propósito (Rm 11.11,12). Neste ponto, o apóstolo suspende sua linha de argumentação por um momento e antecipa a possível reação dos convertidos gentios.

Ele compara a comunidade dos salvos a uma oliveira. Alguns ramos naturais foram arrancados, mas não todos (Rm 11.17), e ramos selvagens foram enxertados, ou seja, não judeus que não haviam sido “cultivados” como povos da Aliança. Paulo os exorta a não se gabarem, mas a ser reverentes, pois a raiz da história da salvação em Israel os suporta, e não o contrário. Eles devem ter postura de reverência, pois, se Deus não poupou os ramos naturais, tanto menos os poupará se não se mantiverem humildemente em fé.

Nos versos 23 e 24, Paulo retoma sua linha de discussão sobre Israel: *“Deus é poderoso para os enxertar de novo (...) quanto mais não serão enxertados na sua própria oliveira aqueles que são ramos naturais!”*. E isso é exatamente o que acontecerá:

Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios. E, assim, todo o Israel será salvo... (Rm 11.25,26)

Novamente, somos surpreendidos ao descobrir que há quem entenda “todo Israel será salvo” como se se tratasse da Igreja! Como isso destruiria uma presunção de não judeus? Tal interpretação tornaria sem efeito toda a argumentação deste capítulo. Certamente que a salvação da Igreja não é o assunto em questão aqui, e sim a da nação de Israel. Teria Paulo alterado abruptamente o significado dos termos e, após tratar da nação natural de Israel, passado subitamente a falar de “Israel espiritual” como um termo equivalente à Igreja? Inacreditável!

O restante do capítulo aborda assuntos que refutam inteiramente essa falsa visão. Paulo cita Isaías 59.20,21, dizendo: *“E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados”* (Rm 11.26,27).

Para Paulo, isso ainda está para acontecer, pois a Nova Aliança sob a qual já vivemos será confirmada para todo o Israel.

Quanto ao evangelho, são eles inimigos por vossa causa; quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. (Rm 11.28,29)

Esses versículos são a prova absoluta de que Israel étnico continua sendo eleito e de que as promessas a eles nos profetas hebreus ainda serão cumpridas, pois mesmo como inimigos permanecem escolhidos.

Se Israel é eleito de Deus, podemos perguntar: *eleitos para quê?* Para testemunhar que Deus é o Criador e aquele que os estabeleceu como nação. O *Shabbat* e a Páscoa proclamam o chamado de Israel. Na preservação de Israel, o mundo pode ver a fidelidade de Deus. Como nação, Israel ainda será o instrumento de Deus para estabelecer seu domínio sobre todas as nações. Haverá ainda uma grande minoria em Israel que dará testemunho sobre a verdade das Boas Novas. Além disso, as práticas de Israel são proféticas e apontam para eventos do final desta era e para a glória da era vindoura. Suas práticas possuem um elemento intercessório e um clamor por cumprimento.

PLENITUDE DOS GENTIOS

Deve-se fazer menção à frase “*plenitude dos gentios*” (Rm 11.25). Ela poderia significar “até que sejam salvos todos os gentios que serão salvos”. Ou poderia ser similar à menção da “*plenitude dos amorreus*” em Gênesis 15.16 e em Lucas 21.24 (até que os tempos dos gentios se completem). Isto implica que, quando fosse atingida a plenitude da iniquidade acumulada, assim como ocorreu com os amorreus, teria chegado o momento histórico de Israel ser usado como instrumento do juízo de Deus.

A IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

A iniquidade consistiria de todas as guerras, matanças, assassinatos e rebelião contra Deus. Podemos incluir também a promessa de Deus: *“Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”* (Gn 12.3).

Sem dúvida, o período de Auschwitz, quando seis milhões de nosso povo foram massacrados enquanto nações assistiam apaticamente, foi causa de muitos juízos de Deus. A história de Israel na Diáspora, embora represente uma severa disciplina sobre os judeus, foi também um teste para as nações. Podemos discernir em paralelo aos maus-tratos históricos a Israel um correspondente declínio de nações e povos que agiram injustamente com os judeus. O propósito profético de Israel continua, portanto, mesmo durante a Diáspora; agora, porém, que Israel está em sua própria terra, conforme predito nas Escrituras, podem-se ouvir, desde já, os passos do Messias se aproximando.

Eu creio que essa ideia de fato possa ser fundamentada no texto de Lucas 21, mas penso que Romanos 11.25,26 deva ser interpretado no sentido mais comum como apontando para a totalidade dos gentios que entrará no Reino. Será o conjunto das pessoas que responderam positivamente ao convite de entrar no sacerdócio da Noiva do Messias durante este tempo presente de oportunidade.

Paulo conclui o capítulo revisando o curso da história. Primeiro, Israel foi obediente; depois, foi desobediente enquanto os gentios foram obedientes; no fim, Israel voltará a ser obediente. A razão para isso tudo? Que Deus possa ter misericórdia de todos! Somente palavras de adoração podem sair agora dos lábios do apóstolo. *“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!”* (Rm 11.33).

Nada nos ensinamentos de Paulo diminui a verdade do judaísmo messiânico: que os seguidores judeus de Yeshua possam ainda manter um chamado glorioso, como parte de seu próprio povo,

de dar testemunho de vida ao mundo e, especificamente a Israel, sobre a salvação em Yeshua.

Devemos notar que Romanos 11 nos dá uma visão da história como progressão escatológica. Primeiro, há um remanescente salvo de Israel. Isso produz um remanescente salvo de todas as nações. Depois, os remanescentes salvos de Israel e das nações levam a salvação a todo o Israel. O resultado final é que as nações chegam ao conhecimento de Deus para que ele tenha misericórdia de todos.

ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO SE REFERE A QUEM?

Mais uma questão precisa ser discutida: Paulo usou o termo *Israel* para referir-se à Igreja, incluindo os não judeus que estão em Yeshua? A Igreja é “o novo e verdadeiro Israel espiritual”, como alguém já afirmou?

Muitos daqueles que sustentam que Paulo pode ter usado o termo Israel para referir-se à Igreja argumentam que as Escrituras ainda reservam um papel específico para a nação de Israel.

É a visão deste autor que os termos *judeu espiritual* e *Israel espiritual* nunca são utilizados nas Escrituras para referir-se a crentes não judeus em Yeshua. Isso já foi amplamente discutido em diversos artigos.

Já concluímos que Romanos 11 não usa esses termos neste sentido. Entretanto, o livro de Romanos contém um versículo citado frequentemente para provar que os crentes não judeus são judeus espirituais.

Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do

A IGREJA E ISRAEL NO NOVO TESTAMENTO

coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus. (Rm 2.28,29)

Não há qualquer motivo para pensar que o judeu verdadeiro citado nestes versículos é um gentio que possui um coração circuncidado para Deus. A palavra “judeu” está etimologicamente ligada à palavra *adoração*². Paulo está dizendo que, se um judeu deseja ser motivo de louvor a Deus e verdadeiramente cumprir seu destino, não lhe basta a circuncisão externa, mas a circuncisão do coração. É isso que Moisés disse ao povo em Deuteronômio 10.16,17: “*Circuncidai, pois, o vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz*”.

Na verdade, o não circunciso externamente (o não judeu) que guarda a Lei condenará os circuncisos que não a observam. O verdadeiro judeu, no entanto, é alguém que possui as duas circuncisões.

Romanos 4 é a chave para mostrar a distinção correta. Nesse capítulo, gentios que aceitam o Evangelho são chamados de filhos de Abraão pela fé. Não são chamados de filhos de Jacó ou de Israel. Há uma razão para isso. O gentio, ao voltar-se para Deus, tem um lugar glorioso diante de seus olhos. Como Abraão, ele não descende fisicamente de um povo que já estava em aliança primária com Deus. Ele é justificado pela fé sem necessidade de circuncisão prévia. Sua vida forma um paralelo com a de Abraão mais do que com a do povo judeu, formado simplesmente por descendentes naturais de Jacó. A promessa de bênção por meio de Abraão se apoia na *fé* – tanto para os seguidores das leis judaicas (Israel), quanto para aqueles que nasceram como pagãos, tal como Abraão (veja Rm 4.16).

À medida que continuamos lendo o capítulo, descobrimos que crentes não judeus são a semente de Abraão ou filhos de

² A palavra “judeu” vem de Judá que significa “louvor, louvado, exaltado”.

Abraão pela fé! Espiritualmente, o gentio convertido não é mais um gentio, ao menos no sentido de *pagão*, mas também não é um judeu, embora seu *status espiritual* perante Deus seja do mesmo nível do judeu seguidor do Evangelho. Ele continua sendo gentio somente no sentido de sua identidade étnica.

É importante notar que isso representa uma mudança radical em relação à percepção judaica do século primeiro, já que agora não somente Israel, mas todos os que aceitam o Evangelho se tornam parte do povo eleito de Deus, um sacerdócio santo.

Gálatas 6.16 afirma: “*E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus*”. Ao referir-se ao “Israel de Deus”, Paulo quer dizer que o verdadeiro Israel inclui somente os judeus que não seguem os falsos ensinamentos dos judaizantes.³ Portanto, chamar a Igreja de “Israel espiritual” não tem sustentação bíblica de acordo com a nossa percepção.

“A comunidade de Israel” seria um termo mais preciso (Ef 2.12), pois reflete a realidade de que os gentios foram enxertados em Israel, mas não o substituem de forma alguma. Ainda assim, tornaram-se parte da comunidade governada pelo Messias.

Além dessas passagens que citamos, o Novo Testamento em momento algum faz uso do termo *Israel* como sendo outro nome para a Igreja. Esse silêncio deveria, por si só, bastar para que deixemos de utilizá-lo assim.

O texto acima foi extraído e adaptado do capítulo 3 do livro *Jewish Roots* (Raízes Judaicas), de Dan Juster. Este livro será publicado em português em 2018.

³ Além disso, esta passagem mostra as duas partes distintas do povo de Deus: “todos quantos andarem de conformidade com esta regra”, ou seja, os não judeus em geral, “e sobre o Israel de Deus”.

